



Cadernos da

SAÚDE COLETIVA

Fazeres em Saúde Coletiva:
Experiências e reflexões de jovens sanitaristas

Organizadores

Alcindo Antônio Ferla

Cristianne Maria Famer Rocha

Organizadores
Alcindo Antônio Ferla
Cristianne Maria Famer Rocha

Cadernos da
SAÚDE COLETIVA

**Fazeres em Saúde Coletiva:
Experiências e reflexões de jovens sanitaristas**



1ª edição

Porto Alegre, 2014

Cadernos da Saúde Coletiva

Fazeres em Saúde Coletiva: Experiências e reflexões de jovens sanitaristas

Coordenador Nacional da Rede UNIDA

Alcindo Antônio Ferla

Coordenação Editorial

Adriane Pires Batiston

Alcindo Antônio Ferla

Emerson Elias Merhy

Ivana Barreto

Izabella Matos

João Henrique Lara do Amaral

João José Batista de Campos

Julio César Schweickardt

Laura Camargo Macruz Feuerwerker

Liliana Santos

Lisiane Böer Possa

Mara Lisiane dos Santos

Márcia Cardoso Torres

Marco Akerman

Maria Luiza Jaeger

Maria Rocineide Ferreira da Silva

Ricardo Burg Ceccim

Rossana Baduy

Sueli Barrios

Vanderléia Laodete Pulga

Vera Kadjaoglanian

Vera Rocha

Comissão Executiva Editorial

Janaina Matheus Collar

João Becon de Almeida Neto

Arte gráfica - Capa

Raquel Amsberg de Almeida

Diagramação:

Raquel Amsberg de Almeida

Revisão:

Priscilla Konat Zorzi

Impressão:

Gráfica Ideograf

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Copyright © 2014 by ALCINDO ANTÔNIO FERLA e CRISTIANNE MARIA FAMER ROCHA.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

F287 Fazeres em Saúde Coletiva : experiências e reflexões de jovens sanitaristas / organizadores: Alcindo Antonio Ferla, Cristianne Maria Famer Rocha. – Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014.

165 p.: il. – (Cadernos da Saúde Coletiva; 3)

ISBN 978-85-66659-24-5

1.Educação em saúde. 2. Saúde coletiva. 3. Sistema Único de Saúde. 4. Sanitarista. I. Ferla, Alcindo Antônio. II. Rocha, Cristianne Maria Famer. III. Série.

NLM WA18

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes – CRB 10/463

FAZERES DA SAÚDE COLETIVA: OLHARES DE JOVENS SANITARISTAS EM FORMAÇÃO

Alcindo Antônio Ferla ¹
Cristianne Maria Famer Rocha ²

A graduação em saúde coletiva é recente e o desafio dos novos cursos se expande para além de uma boa formação profissional nesse campo de conhecimentos, desenvolvendo capacidades necessárias para o trabalho. Inclui a produção/invenção do próprio campo de trabalho desse profissional. As novas graduações surgem da única área de conhecimentos da grande área da saúde até então sem uma profissão equivalente; surgem também com o desafio de construir os conceitos do trabalho de um sanitarista da graduação, que não é idêntico ao conjunto de capacidades desenvolvidas pelos diferentes cursos de pós-graduação que são oferecidos em diferentes instituições com conhecimentos e práticas da saúde pública; tampouco de um profissional que apenas transversaliza as demais profissões de saúde ou mesmo da área da saúde.

Uma primeira diferença de um profissional pertencente ao campo da saúde pública está em que o predomínio dos saberes e práticas que a caracterizam, de onde se origina parte importante da produção que atribui o título de sanitarista na pós-graduação, não é coincidente entre as duas áreas. Lembramo-nos dos esforços teóricos, conceituais e metodológicos de diferentes autores nos anos de 80/90, destacando que não há apenas uma diferença de abrangência entre esses dois campos (a saúde pública e a saúde coletiva); há também uma diferença de cunho epistemológico: “Trata-se de campos não homogêneos, na medida em que se referem a diferentes modalidades de discurso, com fundamentos epistemológicos diversos e com origens históricas particulares” (Birman, 1991, p. 7).

A saúde pública, originada com a medicina moderna e, particularmente, com a medicina social no final do século XVIII e com discurso caucionado cientificamente na leitura naturalista da medicina moderna (segundo Birman, 1991, p. 9: “A leitura naturalista se impôs como razão triunfante, legitimando, com sua universalidade, as práticas de medicalização”) e a saúde coletiva, mais contemporânea, iniciando, desde a década de 1920, com a introdução das ciências humanas na saúde, constituída inicialmente – e justamente – como crítica sistemática do universalismo naturalista do saber da biomedicina. Da posição inicial, resta a tensão que permanece sendo estabelecida com saberes e práticas do ainda hegemônico paradigma biomédico, vigente nos serviços e sistemas, mas se destaca a ampliação da compreensão da saúde e o desenvolvimento

1 Médico e Doutor em Educação (UFRGS). Professor da Escola de Enfermagem da UFRGS, atuando no Curso de Graduação em Saúde Coletiva e no Programa de Pós-Graduação (PPG) em Saúde Coletiva. Pesquisador no Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde (EducaSaúde) do PPG em Educação da UFRGS, professor colaborador no PPG em Psicologia Clínica e Social da Universidade Federal do Pará e no Hospital Nossa Senhora da Conceição, professor e pesquisador do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz, Coordenador Nacional da Associação da Rede Unida, e professor visitante na Alma Mater Studiorum – Università Di Bologna. Email: ferlaalcindo@gmail.com

2 Doutora em Educação, Professora da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), atuando no Curso de Graduação em Saúde Coletiva e no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGCOL/UFRGS). Email: cristianne.rocha@ufrgs.br

de diferentes tecnologias para organizar as práticas no interior da área, bem como em diferentes pontos da organização social, assim como abordagens teórico-metodológicas para enfrentar os desafios da contemporaneidade. Ampliou-se e diversificou-se a contribuição dos diferentes campos de conhecimentos das ciências sociais e humanas e novas conexões interdisciplinares foram sendo produzidas, em grande medida como resposta à complexidade das questões que envolvem a cultura, o ambiente, a organização das coletividades e a produção de saúde.

Não se está aqui retomando as tensões de afirmação da área da saúde coletiva, tampouco de negando as contribuições da saúde pública no campo da organização da saúde, mas sim buscando localizar os desafios da construção da atuação profissional do sanitarista da graduação. Da sociedade industrial, que compunha o cenário do surgimento da medicina social, até os dias de hoje, há um conjunto de mudanças importantes na compreensão da saúde, dos modos de relação da saúde com o andar a vida das pessoas e das coletividades, da potencialidade da saúde no desenvolvimento de indivíduos e coletividades, das características da própria organização social e, também, dos modos de pensar e fazer a formação profissional.

Desde a ciência moderna, o ensino das profissões, também na saúde, se confunde com a produção de uma identidade profissional, normalmente afirmada em oposição às demais. Essa transposição “transforma a educação em mera formatação de uma *matéria-prima* (aluno), cuja característica principal seria a inexistência ou incipiência de identidade profissional, em protótipos profissionais (recurso humano especializado)” mediante processo de certificação por instituição de ensino e chancelamento por órgãos de fiscalização do exercício profissional (FERLA & CECCIM, 2013, p.22). Há uma tendência da formação especializada se transformar no domínio de núcleos de conhecimento cada vez mais específicos e o campo de conhecimentos da saúde tende a se reduzir à soma desses, perdendo capacidade de compreender a complexidade e atuar construtivamente. Também há uma tentativa recente de inverter essa tendência, colocando a capacidade de operar no mundo do trabalho como mediador da análise das capacidades profissionais. Essa tendência caracteriza bem a oportunidade que está na origem da formação dos novos sanitaristas, que permite repensar as relações entre a formação e o trabalho. Na área da saúde, as legislações da educação, como as diretrizes curriculares nacionais para os cursos, e da saúde, como a educação permanente e os mecanismos de indução de mudanças, vêm tentando produzir leques mais amplos de capacidades de compreender e atuar construtivamente em diferentes cenários, buscando práticas multiprofissionais e bases interdisciplinares de conhecimento. Movimento que “requer uma grande reflexão de cada instituição de ensino, cada curso, cada plano de ensino, cada professor, cada unidade de produção pedagógica (professor-alunos) sobre o quanto e como dilatar as fronteiras das experiências de ensino” (FERLA & CECCIM, 2013, p.23), também ampliar a porosidade das fronteiras disciplinares e profissionais, aceitando e produzindo o movimento de desgastar e reconstruir. Um “generalista” da saúde coletiva seria, ao mesmo tempo, um especialista no campo de saberes e práticas dessa área de conhecimentos e um operador de novas mediações entre essa área e as demais que incidem no trabalho na saúde. Essa capacidade de operar novas mediações interdisciplinares e intersetoriais para o trabalho na saúde também precisa ser desenvolvida no âmbito da formação profissional e aqui está a principal demonstração dessa coletânea.

Os textos que compõem esta coletânea são provenientes da experiência de formação de sanitaristas no Bacharelado em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. São reflexões e experiências na construção de um campo de atuação e da aprendizagem da saúde coletiva em diferentes contextos. Foram produzidas pelos alunos da graduação a partir de atividades do Estágio Curricular e nos Trabalhos de Conclusão de Curso.

O Estágio Curricular é composto por atividades de ensino obrigatórias, com carga horária de 600 horas, de caráter prático-aplicativo, envolvendo a interação com agentes sociais, em dois eixos do curso: *Planejamento, Gestão e Avaliação em Saúde e Promoção, Vigilância e Educação da Saúde*. Constam de uma dimensão teórica, com seminários e atividades previstas e ordenadas por um plano de ensino, e uma dimensão prática, em cenários de interação universidade-sociedade, ordenada por um plano de trabalho individual, de acordo com o interesse de cada estagiário e as características do campo de práticas. O TCC do Bacharelado em Saúde Coletiva é desenvolvido sob orientação docente em duas etapas nos últimos semestres, conforme a previsão do projeto pedagógico do curso, e tem escopo e formato de um trabalho de pesquisa e/ou documentação, com possibilidade de assumir característica científica, tecnológica, estético-expressiva ou bibliográfica nas seguintes modalidades: a) Informe Científico-Tecnológico; b) Protótipo; c) Performance; d) Programa de Ação; e) Revisão Bibliográfica ou Estado da Arte na Literatura; f) Artigo Científico; e, g) Monografia (FERLA & ROCHA, 2013).

Em ambas as atividades, o fazer é desafiado à reflexão densa, mobilizando conhecimentos que transversalizam as disciplinas e núcleos profissionais na perspectiva do trabalho na saúde. A capacidade de análise do contexto da saúde se materializa e se aplica à autoanálise da interação com cenários, com diversos atores e com diferentes interesses que compõem os cenários de prática, inclusive visando construir espaços para a atuação profissional do sanitarista. O desafio colocado aos sanitaristas em formação é o desenvolvimento de capacidades profissionais por meio do exercício do trabalho, propriamente dito, em situações concretas, mas também de uma capacidade de gerar novos conhecimentos sobre os objetos de atuação e tomando o próprio trabalho como objeto de análise.

Os textos aqui veiculados são demonstrativos de uma grande quantidade de cenários em que a atuação do sanitarista pode se realizar: serviços clássicos, como unidades ambulatoriais, hospitais, serviços de apoio diagnóstico e terapêutico, serviços de gestão, instâncias de participação e controle social; serviços que compõem as novas modelagens tecnoassistenciais, como consultórios de rua, núcleos de apoio matricial; sistemas de saúde e a saúde internacional. Também um conjunto de temas e perspectivas que demarcam um campo ampliado de práticas profissionais: promoção da saúde, vigilância em saúde, educação permanente em saúde, desigualdades, gênero, ciclos vitais, comunicação, participação social, configuração de redes, gestão do cuidado na saúde, cooperação internacional, efeitos da saúde e doença na vida de pessoas e coletividades, modelagens tecnoassistenciais, gestão setorial, intersetorialidade. Mas é igualmente significativa a presença de abordagens de reflexão sobre o protagonismo e a vivência dos estudantes no período da formação. O desenvolvimento de capacidades de analisar o próprio percurso e o investimento na construção de um campo de atuação profissional dilatado é, sem dúvida, um esforço compartilhado por esses sanitaristas em formação, parte dos quais, nesse momento, já em atuação profissional em diferentes cenários e instituições.

A formação de sanitaristas demonstra uma contribuição importante para a afirmação da saúde e do Sistema Único de Saúde como conquista, como organização setorial e como campo de produção de saberes e práticas. Demonstra também o resultado de uma aposta: a formação profissional pode ser um dispositivo de configuração de novas capacidades profissionais e uma nova aliança entre os saberes e os fazeres, entre a técnica e a política, entre o trabalho e a educação. Mais do que buscar uma identidade profissional, a formação pode dilatar as relações entre a formação/desenvolvimento profissional com o mundo do trabalho. Esperamos que a leitura dessas experiências ative o pensamento para novos diálogos.

Referências

BIRMAN, Joel. A physis da saúde coletiva. *Physis*, v.1, n.1, p. 7-11, 1991. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v1n1/01.pdf>. Acesso em: 20 maio 2014.

FERLA, Alcindo Antônio; CECCIM, Ricardo Burg. A formação em Saúde Coletiva e as Diretrizes curriculares nacionais da área da saúde: reflexões e um começo de conversa. In: FERLA, Alcindo Antônio; ROCHA, Cristianne Maria Famer, orgs. *Inovações na formação de sanitaristas*. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2013. p. 9-28. Cadernos de saúde coletiva, 1. Disponível em: <http://www.redeunida.org.br/editora-rede-unida/biblioteca-digital/cadernos-de-saude-coletiva-volume-1-pdf/view>. Acesso em: 20 maio 2014.

FERLA, Alcindo Antônio; ROCHA, Cristianne Maria Famer, orgs. *Inovações na formação de sanitaristas*. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2013. Cadernos de saúde coletiva, 1. Disponível em: <http://www.redeunida.org.br/editora-rede-unida/biblioteca-digital/cadernos-de-saude-coletiva-volume-1-pdf/view>. Acesso em: 20 maio 2014.